

O Papel da Mídia na Construção de Modelos de Santidade¹

Maria Cristina Leite PEIXOTO²

Resumo:

Técnicas de informação e comunicação foram historicamente acolhidas e apropriadas pela Igreja Católica, a serviço de sua apologética. A evolução do relacionamento da Igreja com a comunicação social passou pelo confronto aberto, censura e repressão oficializadas às publicações “mundanas”; pela aceitação vigilante dos novos meios na emissão das mensagens religiosas; pela conscientização da necessidade de adaptar-se ao mundo moderno. Mais recentemente, a Igreja tem chamado a atenção para o uso acrítico dos meios, passível de resultar em puro “marketing evangélico”, e para a necessidade de se pensar sobre a emergência de uma “cultura midiática”. Se a religião não consegue prescindir desse tipo de comunicação, o objetivo do trabalho é discutir a presença da mídia nos processos de canonização, considerando-se que a santidade é essencial no credo católico. Para isso foram analisadas estratégias comunicacionais empregadas pelos propositores das causas de Padre Eustáquio e Izabel Cristina, ocorridas em MG. Percebe-se que a cultura dos meios de comunicação dificulta a manutenção de uma tradição baseada em verdades absolutas e propicia descontinuidades entre a tradição religiosa e as modernas visões de mundo. Os modelos de santidade, em meio à profusão de conteúdos midiáticos, tornam-se dinâmicos, comparáveis a outros modelos, submetidos à concorrência com outros conteúdos simbólicos e à avaliação pública. Isso cria a necessidade institucional de reflexão sobre a cultura midiática vigente, que altera modos de lidar com a tradição religiosa. Os estudos de Lagrée (2002), Puntel (2005) e Sá Martino (2014) a respeito das relações ente mídia e religião, bem como as análises de Thompson (2014), Berger (2001), Giddens (1997) e Hervieu-Lèger (1999;2013) sobre a manutenção das tradições religiosas na sociedade contemporânea são as referências que embasaram esse artigo.

Palavras-chave: religião; mídia; santos; canonização; sociedade contemporânea.

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Doutora em Sociologia, professora do mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC, mcrislep@fumec.br

A santidade, fenômeno distintivo do catolicismo, assumiu diversas feições no decorrer da história e ainda hoje é tratada institucionalmente como prova clara e convincente da vitalidade da Igreja Católica³. Do ponto de vista sociológico, é um fenômeno que coloca questões a respeito da manutenção de uma tradição religiosa em um mundo plural, secularizado e desencantado (BERGER, 2001). A partir da análise de duas propostas de canonização em curso no Brasil⁴, este artigo busca indicar elementos para a compreensão do papel da mídia como suporte para estratégias de afirmação dos preceitos católicos, e do fenômeno religioso como parte de uma sociedade em crescente processo de mediatização.

Como manifestação permanente, durável e presente em diferentes contextos sociais, a santidade esteve em todas as feições adquiridas pela Igreja Católica em sua evolução histórica, reafirmando, do ponto de vista dos representantes eclesiais e de seus fiéis, a universalidade (ou catolicidade) da fé que professam. Assim sendo, essas manifestações nos remetem a um fenômeno que interessa também aos que se dedicam ao estudo da sociedade, da história e da cultura (SÁ MARTINO, 2014).

Pensar em santidade em pleno século XXI pode causar espanto, principalmente se o que se tem em mente são as imagens e as vidas dos santos mártires católicos, cujos feitos extraordinários formaram tão fortemente o imaginário ocidental. Porém, considerando que a santidade está submetida à dinâmica sócio histórica, buscou-se compreender sua configuração nos dias de hoje, a partir da análise de duas propostas de canonização em

³ O papa João Paulo II (1978-2005) canonizou 482 pessoas em seu pontificado e foi responsável pela mais abrangente ampliação geográfica e cultural das declarações de santidade da história, antes concentradas na Europa e com grande participação de padres, bispos e freiras na lista de santos. Seu sucessor, Bento XVI (2005-2013), proclamou 44 santos e o atual Papa Francisco (2013...), em sua primeira cerimônia de canonização, em 2013, proclamou os primeiros 802 santos do seu pontificado, estabelecendo novo recorde. Cf. Dados disponíveis em <http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents>. Acesso em 18/07/2005. Ver, também, reportagem de João Batista Natali: *Folha de S. Paulo*, 09/04/2005.

⁴ Ver PEIXOTO, Maria Cristina L. “Santos da porta ao lado”: os caminhos da santidade contemporânea católica. 255f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Rio de Janeiro, abril de 2006.

curso, a do Padre Eustáquio e a de Isabel Cristina Mrad Campos, ambas originadas em Minas Gerais, nas primeira e segunda metades do século XX, respectivamente. O material que orientou a análise empreendida foi a visão dos representantes oficiais da Igreja Católica, os padres, bispos e irmãs que, com seu envolvimento na atividade de criar santos, contribuem para a divulgação e vigência das definições elaboradas pelas autoridades pontifícias. Nessa atividade, a mídia constitui-se como uma importante estratégia para a validação da crença institucional na santidade contemporânea e para reafirmar a canonização como um preceito católico.⁵

A leitura sociológica da prática, que aqui nos interessa, aponta para as maneiras pelas quais a Igreja Católica se situa num ambiente de crescente diversificação religiosa, procurando minimizar as perdas dele decorrentes e resgatar parte do seu prestígio e poder de atração sobre os fiéis contemporâneos. Nesse contexto, a reafirmação do valor da santidade, crença fundamental do catolicismo, se constitui num fenômeno importante para entender como uma religião tradicional busca manter sua estrutura de plausibilidade nas dinâmicas situações do mundo contemporâneo, e, portanto, num tema relevante para sociologia da religião. João Paulo II (1978-2005), grande incentivador das causas, tornou públicos os propósitos do seu pontificado, pondo em destaque o lugar da santidade: “Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade [...] apontar a santidade permanece de forma mais evidente uma urgência pastoral.”⁶

Independentemente das prioridades oficialmente estabelecidas e de um compromisso maior com a observância dos preceitos por parte dos devotos dos santos, as figuras míticas dos santos continuam presentes, em nossa sociedade, de diversas formas. Livros sobre vidas de santos são editados, celebridades declaram suas devoções na mídia, constantemente a moda adota suas imagens, correntes de devoção são veiculadas na

⁵ A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (1964) e as cartas apostólicas *Tertio Millenio Adveniente* e *Novo Millenio Ineunte* tratam da reafirmação da importância da santidade para a Igreja.

⁶ Item 30 da Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte*. Disponível em <<http://www.vatican.va>>. Acesso em 03/01/2004.

Internet, e as igrejas dos santos dedicados aos endividados e às causas impossíveis – Santo Expedito e São Judas Tadeu – têm frequência garantida o ano inteiro.

Sob a liderança de João Paulo II, o reavivamento da santidade tornou-se uma missão, um instrumento de fortalecimento do catolicismo, religião que encontra muitos desafios no mundo contemporâneo (HERVIEU-LÉGER,2003). Seus representantes oficiais referem-se à sociedade atual como um lugar em que prevalecem a indiferença religiosa, a desorientação de valores e a invasão crescente de “ídolos” midiáticos. Contra tal perigo é que o testemunho dos santos se reafirmaria como antídoto. Porém, para que os modelos comportamentais dos santos sejam socialmente aceitos, precisam revestir-se de características que se adéquem ao mundo contemporâneo. A Igreja, que se autoproclama uma comunidade viva, tenta conjugar essa adequação com a fidelidade aos seus princípios, tal como ocorrido nas duas iniciativas das quais se ocupa esse artigo.

A manutenção da santidade conta com a participação ativa dos agentes oficiais que trabalham para a legitimação da concepção global, da estruturação e do desenvolvimento das causas. Nesse processo, a mídia tornou-se um recurso indispensável que, no entanto, gerou implicações para a tradição que fundamenta o credo católico. Com a ampliação dos “contextos interativos”, a mídia interfere na reorganização dos padrões de interação social, criando o desafio da manutenção da tradição (THOMPSON, 2014), que continua como uma das fontes de sentido para o mundo, porém perdendo sua ancoragem nos locais compartilhados da vida cotidiana. Os meios de comunicação contribuíram fortemente para que hábitos e expectativas fossem reformados “em termos da triagem profunda da informação” (GIDDENS, *in* BECK *et al.*,1997, p.173). Ao disponibilizar múltiplas experiências e tornar-se referência importante para a ação, a mídia despertou a vontade e a necessidade de ultrapassar os padrões interativos tradicionais, impactando também as relações com o poder e a autoridade.

Ao depender da mídia, a tradição se vê despersonalizada (THOMPSON, 2012). As autoridades que a representam vão, gradualmente, distanciando-se dos indivíduos nos contextos práticos da vida cotidiana, apesar das tentativas de “re-personalização” dessas autoridades pelos meios eletrônicos/digitais, de modo a criar elos renovados com seus seguidores. Esses elos se sustentam cada vez mais dentro da estrutura de interação estabelecida pelos meios de comunicação de massa, na qual o distanciamento físico é uma constante. Isso implica na remodelagem dos conteúdos tradicionais, para que possam ser acessados em localidades distintas e atinjam o público desejado. Nesse processo, as tradições são reinventadas, seus conteúdos simbólicos originais são alterados e adaptados a novos tempos e lugares.

Hoje, praticamente todos os espaços socioculturais estão permeados por elementos discursivos presentes na mídia. Ao promover interações desvinculadas do espaço físico comum, ampliar a visibilidade dos temas e acontecimentos, a circulação e a reflexividade entre as produções simbólicas, a comunicação midiática constitui, atualmente, espaço privilegiado de trocas e disputas de sentidos do social

O uso dos meios técnicos de comunicação não chega a ser uma novidade na história da Igreja. As técnicas de informação e comunicação foram historicamente acolhidas e apropriadas por ela, a serviço da apologética católica. A novidade na utilização desses recursos está na falência da pretensão de que os conteúdos religiosos divulgados possam ter a mesma validade para toda a sociedade. Eles agora têm de concorrer com outros conteúdos simbólicos transmitidos em grande parte pela mídia. Por isso, coloca-se cada vez mais para a Igreja a necessidade de reflexão sobre questões ligadas à cultura midiática vigente, que altera comportamentos, visões de mundo e modos de lidar com a tradição religiosa.

Diante das ameaças trazidas pela mídia, no que tange ao controle eclesiástico sobre os fiéis, a Igreja assumiu atitudes defensivas com relação à comunicação mediada (PUNTEL, 2005). Ao mesmo tempo, contribuiu para o desenvolvimento de processos industriais de comunicação, sobretudo para lutar contra o protestantismo e em prol da

tradição católica. O desenvolvimento de competência técnica em comunicação fez com que textos e imagens da iconografia católica fossem reproduzidos em grande escala, o que desempenhou um papel relevante na formatação do imaginário católico, na virada dos séculos XIX e XX (cf. LAGRÉE, 2002). Um dos instrumentos mais utilizados, desde essa época até os dias de hoje, são os boletins paroquiais que atingiam um público além do frequentador de igrejas e permitiam certa padronização de informações.

Recursos imagéticos também foram amplamente incorporados pela Igreja para disseminação do catolicismo, tais como gravuras representando a história eclesial e a hagiografia católica, os catecismos ilustrados e a fotografia. A partir do século XIX, a proliferação de fotos de santos deu origem a uma espécie de culto doméstico, dispensando, de certa forma, a presença dos fiéis nos templos. As projeções luminosas atraíram pessoas e ampliaram o raio de ação religiosa para além do público de fiéis tradicionais. O uso desses meios teve especial sucesso entre os padres pertencentes a ordens religiosas, afeitos a essa apologética modernizada e que usavam as igrejas para exibição de filmes, promovendo o encontro da tecnologia moderna com o culto religioso (LAGRÉE, 2002).

A evolução do relacionamento da Igreja com a comunicação social, desde o surgimento da imprensa, constituiu-se, pois, por fases que passaram pelo confronto aberto e pelo exercício da censura e repressão oficializadas; pela aceitação comedida dos novos meios, utilizados para a emissão das mensagens religiosas, sem abandonar a vigilância sobre a imprensa; pela conscientização da necessidade de adaptar-se ao mundo moderno, sobretudo a partir das orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965), que defendeu o direito e a obrigação de empregar meios de comunicação para a evangelização.

Mais recentemente, a revisão crítica das relações eclesiais com a comunicação social tem chamado a atenção para o uso acrítico dos meios, passível de resultar em puro “marketing evangélico”,⁷ e para a necessidade de se pensar sobre a “cultura

⁷ Cf. Encíclica *Redemptoris Missio* (1990).

mediática”; ao mesmo tempo, surgem padres cantores que se utilizam ostensivamente da mídia. Em documento elaborado pelo Pontifício Conselho para as Comunicações,⁸ o posicionamento institucional diante da mídia foi explicitado:

Há três décadas, a Instrução Pastoral *Communio et progressio* frisou que “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”. O Papa Paulo VI, por sua vez, afirmou que a Igreja “viria a sentir-se culpada diante do seu Senhor”, se não lançasse mão destes instrumentos de evangelização. O Papa João Paulo II definiu os *mass media* como “o primeiro areópago dos tempos modernos”, declarando que “não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações”. Realizar isto é ainda mais importante nos dias de hoje, não apenas porque os meios de comunicação atuais influenciam fortemente sobre aquilo que as pessoas pensam acerca da vida mas também porque, em grande medida, “a experiência humana como tal se tornou uma experiência vivida através dos *mass media*”. [...] A um nível muito profundo, às vezes o mundo dos *mass media* pode parecer indiferente e até mesmo hostil à fé e à moral cristãs. É assim, em parte, porque a cultura dos meios de comunicação está imbuída de maneira tão profunda de um sentido tipicamente pós-moderno, que a única verdade absoluta é a aquela segundo a qual não existem verdades absolutas ou que, se elas existissem, seriam inacessíveis à razão humana e portanto se tornariam irrelevantes.

Mensagem do papa Bento XVI, divulgada por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2006⁹, reitera o reconhecimento do poder dos *mass media* para influenciar a sociedade e defende a ideia de que a mídia deveria se configurar como uma rede capaz de facilitar a comunicação, a comunhão e a cooperação, mesmo que, na prática, isso não ocorra com a frequência ideal. Para o papa, os meios de comunicação social seriam uma “grande mesa-redonda” para o diálogo da humanidade, mas seu resultado real tem sido a criação de uma monocultura que “ofusca o gênio criativo, reduz a sutileza de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso”. Esses seriam os efeitos perversos de uma indústria que tem o lucro como finalidade principal, em detrimento do sentido de responsabilidade social. O texto evidencia a necessidade de garantir “uma

⁸ Disponível em <<http://www.vatican.va>>, acessado em 25/04/2005.

⁹ “Os Mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação”. Disponível em <http://www.fides.org/por/magistero/2006/bxvi_mess_240106.html>, acessado em 30/08/2009.

cuidadosa crônica dos acontecimentos, uma explicação satisfatória dos assuntos de interesse público, uma apresentação honesta dos diversos pontos de vista” e destaca a necessidade de “apoiar e encorajar a vida matrimonial e familiar”, assim como a educação das crianças e dos jovens, propondo-lhes modelos válidos.

A proposição de modelos às quais Bento XVI se referiu se aplica às propostas de canonizações. A tradição da canonização, fundamental para o fortalecimento das verdades católicas, torna-se usuária dos meios de comunicação, integra e expõe-se à cultura midiática. Os modelos de santidade propostos são criados e divulgados com o auxílio da mídia e se situam em meio à profusão de outros conteúdos publicados, tornando-os comparáveis a diversos modelos comportamentais e submetidos à avaliação pública.

O uso da mídia ocorre desde o início das causas. A publicação das biografias dos candidatos, elaboradas para difundir e manter viva sua memória e sua fama de santidade, é passo fundamental para a abertura oficial do processo de canonização. Representa um meio de difusão da vida do “santo” produzido pelas elites eclesiais, ou a seu mando, no qual se inscrevem as “características materiais e mentais” dos representantes desses grupos, ocupantes dos cargos de comando ou a eles ligados, propagadores da visão oficial da instituição. Esse material expressa seus modos de operação, seus valores, os sentimentos vigentes da hierarquia, em suma, fala “desses grupos como eles apreciam que se fale deles” (MICELI, 1988:154). O texto é de fácil entendimento e, além da divulgação estrita da história do candidato, serve para disseminar valores e preceitos da Igreja, tal como ocorrido nos processos de canonização de Padre Eustáquio e Izabel Cristina Mrad Campos.

O holandês Humberto Van Lieschout, conhecido como Padre Eustáquio (1890-1943), viveu no Brasil de 1925 a 1943, e construiu grande devoção na cidade de Belo Horizonte, onde há bairro, estabelecimentos comerciais, rua e igreja que levam o seu nome. Ele conviveu com os paradoxos da exposição midiática, já na primeira metade do século XX. Com estratégias modernas de evangelização, aprendidas na Europa, foi

usuário de meios técnicos para divulgação de ideias - boletins, jornais e vídeos -, conforme descrito em sua biografia impressa, ela própria um meio dessa natureza. Paradoxalmente, a divulgação jornalística de suas curas levou a restrições às suas atividades pela Igreja, diante da publicidade alcançada. Beatificado em 2006, a causa do padre ainda se sustenta, em grande medida, pela venda e divulgação em massa de “santinhos”, novenas impressas, livros, calendários, CD’s, além de site na Internet¹⁰.

Após a assinatura do decreto que reconheceu um milagre de sua autoria, em 2005, os principais meios de comunicação da capital mineira e do país noticiaram o fato,¹¹ com depoimentos de representantes da alta hierarquia eclesiástica do estado, do biógrafo oficial, jornalista por formação, responsável pela biografia do novo beato. A Igreja utilizou-se dos meios técnicos para criação e difusão do modelo proposto mas, conforme propicia a cultura midiática em vigor, essa divulgação pode estimular outros tipos de recepção como, por exemplo, a dos estudiosos leigos e a análise crítica do processo, criando novas versões da história narrada oficialmente pela Igreja, porventura questionadoras dos propósitos institucionais.

Vale observar ainda que duas versões biográficas foram publicadas pela Congregação dos Sagrados Corações, escritas pelo mesmo autor, José Vicente Andrade, biógrafo oficial, teólogo, jornalista, professor universitário aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais e ex-padre, intituladas, respectivamente, *Padre Eustáquio* (1990) e *Venerável Padre Eustáquio* (2004). Essas duas versões revelam a maneira pela qual os meios técnicos dinamizam os processos de canonização e os adaptam aos interesses da Igreja, que molda a imagem de santidade. Além disso, relativizam as observações sobre a cultura dos meios de comunicação oficialmente divulgadas, que criticam seu “sentido tipicamente pós-moderno”, o desprezo pelas “verdades absolutas”, e defendem a necessidade de garantir “uma cuidadosa crônica dos acontecimentos, uma explicação satisfatória dos assuntos de interesse público, uma apresentação honesta dos diversos pontos de vista”. Isso porque na segunda versão, os episódios da vida do beato são

¹⁰ Ver <<http://padreeustaquio.org.br/>>

¹¹ Estado de Minas, O Tempo, Hoje em dia (MG); O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo, de 19/12/2005.

ressignificados: as dificuldades de adaptação no Brasil são atribuídas à mentalidade dos padres provenientes de uma cultura estrangeira e não mais ao “catolicismo mal vivido” dos moradores locais; ele é apresentado como alguém que buscava ser calmo e paciente, criador de uma “metodologia inovadora” para a aproximação dos fiéis, e não mais como “exigente mestre das verdades do catolicismo, sem quaisquer concessões à convivência dos membros do rebanho romano com os crentes de outras religiões ou filosofias” (ANDRADE,1990, p.55). Não há mais menção à recusa de atendimentos e sacramentos aos que não professavam a fé católica ou que tinham conduta pouco afeita à moral religiosa, tal como na primeira versão.

Na edição de 2004, Padre Eustáquio é descrito como uma pessoa simples que vivia em contato profundo com Deus e a natureza, e os usos das ervas tornam-se “ações simples”, baseadas em informações especializadas, porém, tomadas pela gente simples do local como demonstrações de poderes extraordinários de cura. As referências ao seu temperamento autoritário, às suas limitações intelectuais, ao gosto pela bebida e pelo cigarro e ao uso eventual da violência física desaparecem em favor de um temperamento forte, mas compreensivo. O tom da narrativa torna-se mais analítico do que descritivo. Comparativamente à primeira edição do livro, nota-se a suavização dos traços de personalidade do padre, em direção a um modelo mais condizente com os dias atuais, com destaque para a harmonia com a natureza, a tolerância para com a diferença, o esforço na busca de soluções para os problemas locais, com recursos da própria comunidade, como, por exemplo, pela indicação de medicamentos naturais “ao alcance do entendimento, da aquisição, do uso por parte das pessoas, mesmo as mais simples” (ANDRADE, 2004,p.12). Nessa versão, o interesse do padre pelos efeitos curativos das plantas o levou a estudar o *Manual de Medicina no Campo*, e a conversar com médicos e farmacêuticos, devido à convicção de que ciência e sabedoria popular deveriam complementar-se em benefício da população, numa visão bastante adequada às discussões contemporâneas no campo da saúde. Indagado a esse respeito, o biógrafo assumiu que, na segunda versão, Padre Eustáquio é retratado “muito mais como terapeuta naturalista do que como taumaturgo”. No que diz respeito aos limites da intervenção científica e aos poderes divinos, é reforçado, na biografia de 2004, o

empenho do padre em separar preces e bênçãos dos recursos científicos, como prevenção às más interpretações e possíveis confusões nas concepções religiosas da população. Desse modo, na prática do pároco, os recursos médicos e sobrenaturais não se excluíam mutuamente, mas eram complementares. À biografia do padre é agregado, então, o *status* de agente de saúde, minimizando o de milagreiro.

O segundo caso analisado é o de Isabel Cristina Mrad Campos (1962-1982), natural de Barbacena (MG), assassinada aos vinte anos, em Juiz de Fora (MG). Por ter resistido à tentativa de estupro, de acordo com a visão oficial católica, “lutando para defender sua pureza e virgindade”, conforme descrito no “santinho” distribuído pela Igreja, configurou o martírio cristão, o que fundamentou a abertura da causa.

Apesar de ser uma candidata leiga e contar com uma infraestrutura menor, se comparada à existente no processo do Padre Eustáquio, sua causa teve 44 boletins editados, foi publicado um livro biográfico, retratos foram impressos e distribuídos para todo o Brasil. Além disso, dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), que figurava entre as maiores autoridades católicas brasileiras, foi o juiz da causa. Também estava nos planos dos condutores da causa a construção de um *site* para divulgação da candidata, de sua vida e do processo em curso.

As reportagens publicadas por dois jornais, um de Juiz de Fora (o *Tribuna de Minas*), e um de Belo Horizonte (o *Diário da tarde*), marcaram a dinâmica interferência da mídia na condução do processo. Elas apresentaram diferentes versões dos fatos, servindo de canal de expressão para os diversos atores envolvidos e funcionando como fonte de reflexividade para eles. O jornalismo, ao indicar os acontecimentos que podem entrar na agenda de preocupações públicas, abriu espaço para que sentidos fossem conferidos, discutidos e reformulados. As matérias publicadas durante o período que vai do assassinato de Isabel Cristina até o julgamento do acusado (setembro a dezembro de 1982), compõem-se de opiniões leigas e especializadas, criando um espaço plural de posturas distintas diante do acontecimento, que serviu de fonte para diversas

interpretações do ocorrido. Opiniões de vizinhos, de jovens estudantes da cidade, de especialistas envolvidos no caso (médicos e advogados), de padres, da polícia, do suspeito do assassinato, integram os textos jornalísticos que submeteram o acontecido à discussão pública. A recriação reiterada do crime e da evolução das investigações, a cada nova matéria, manteve o assunto em pauta e atualizou as pessoas sobre o andamento do processo, auxiliando-as na construção de sua visão sobre o acontecimento, e interferindo, igualmente, na postura institucional da Igreja acerca da condução do mesmo.

Duas posições foram se constituindo na cobertura jornalística do caso, chamado por ambas de “O crime da Barbosa Lima”, rua onde se localiza o prédio em que ocorreu o assassinato. A do jornal *Tribuna de Minas*, mostrou-se favorável ao indiciamento do acusado no inquérito, a partir dos primeiros resultados das investigações, e incorporou mais visivelmente o ponto básico do processo canônico, “a defesa da honra”. A do *Diário da tarde*, levantou uma série de questionamentos acerca das provas e da condução do processo, dando maior espaço para o advogado de defesa do acusado. Essa postura criou suspeitas, por parte da família da vítima e da Igreja, quanto à isenção do jornal.

Ao publicarem provas técnicas, depoimentos diferenciados e acompanhar e divulgar a maneira pela qual os envolvidos se posicionam, os jornais colocaram a Igreja como um dos atores no desenrolar do processo, obrigando-a a entrar no debate público. No contexto em que o caso ocorreu – uma cidade do interior de Minas Gerais, majoritariamente católica, no início dos anos de 1980 –, ela era um ator influente, com opinião merecedora de respeito. Paralelamente ao desenvolvimento dos trâmites jurídicos, missas continuavam a ser realizadas, sempre com o acompanhamento da imprensa, reunindo amigos da estudante assassinada, cujas virtudes eram reissaltadas pelos padres nos sermões. Em entrevistas, representantes da Igreja analisaram o crime como parte de “uma estrutura, um sistema pecaminoso”, e em matéria publicada pelo *Tribuna de Minas*, um dos padres falou sobre a posição da Igreja, anunciando intenções futuras: “Não estamos querendo canonizar ninguém. Estamos dizendo que existem

peessoas que acreditam no valor cristão, capazes de não se dobrar frente a um elemento. A integridade do próprio corpo, da própria honra, valeu mais do que a própria vida”. Desse modo, os jornais serviram de meio de divulgação das posições da Igreja, dando visibilidade ao caso e ajudando na interpretação do caso de Isabel Cristina.

A mídia, espaço público contemporâneo, deu visibilidade às questões, acontecimentos e atores sociais, disponibilizando informações e ampliando os limites originais dos debates. Boatos surgidos na cidade, sobre a existência de outros suspeitos, inclusive o irmão da vítima, sobre o financiamento da defesa do acusado, e sobre uma suposta gravidez da moça, são exemplos dessa ampliação. Este último fator resultou num pedido de exumação do cadáver, retirado pelo advogado de defesa, diante da contundente oposição da Igreja. O fato, ao ser publicado pelos jornais, foi rechaçado publicamente pelo arcebispo, que encontrou apoio da população e do próprio procurador da justiça. Este, apesar de conceder o pedido, deu declarações públicas de que o considerava uma “tentativa vã e grotesca de tentar desviar a atenção do acusado”. Matérias publicadas relataram que o promotor recebeu telefonemas de mães indignadas e do arcebispo de Juiz de Fora, dom Juvenal Roriz, levando o *Diário da tarde* a afirmar que a retirada do pedido deu-se em função das pressões da Igreja, em especial.

Como ator privilegiado, no local em questão, a Igreja acabou por beneficiar-se das possibilidades dessa presença midiática, pela visibilidade dada ao acontecimento, permitindo que um número potencialmente irrestrito de pessoas pudesse discuti-lo e se posicionasse diante das posições eclesiais com relação aos fatos, da divulgação das circunstâncias de sua morte, dos pareceres técnicos e dos propósitos de canonização. E a confirmação pública, dada por outros testemunhos, mesmo que numa versão diferente da religiosa, como a do direito e da medicina, certificou que o fato aconteceu objetivamente. Por isso, o jornalismo teve um papel de reflexividade central no caso aqui considerado.

Nos dois casos analisados, a mídia referenciou-se nas construções de sentido realizadas pelos atores sociais envolvidos, e foi também referência para os processos de produção

de sentidos desses atores. Ao fazer circular os inúmeros discursos, provocou constante reorganização reflexiva por parte da Igreja, que passou a utilizá-la em prol de seus interesses. O mesmo se pode dizer dos indivíduos receptores das mensagens veiculadas que, ao se inteirarem das diferentes perspectivas, tiveram à sua disposição um material diversificado para auxiliá-los em suas tomadas de posição. Deve ser lembrado que, no momento em que os casos tornam-se objeto de interesse da imprensa, as consequências podem ser ambivalentes. No caso do Padre Eustáquio, ao divulgar curas assimiladas às práticas espíritas, ocasionando restrições oficiais às suas atividades; no caso de Isabel Cristina, ao abrir espaço para versões diferentes daquela defendida pela Igreja e potencialmente desestabilizadoras da proposta religiosa inicial, dependendo da maneira como fossem interpretadas e articuladas pelo público.

Tal processo de reflexividade é fundamental na dinâmica social contemporânea e a Igreja têm de levar isso em conta. Em um ambiente cultural em que toda proposição religiosa é confrontada a inúmeras outras referências simbólicas, criar santos tornou-se um empreendimento complexo. Isso contribui para que as instituições contemporâneas não consigam prescrever, de maneira duradoura, um código unificado de sentido ou impor a autoridade das normas dele derivadas aos indivíduos e à sociedade. Recorrendo a Hervieu-Léger¹², num universo de mudanças culturais aceleradas e de afirmação da autonomia do sujeito,

(...) nenhuma delas escapa ao confronto com o individualismo, não há nação ocidental que seja poupada dos efeitos da contradição crescente entre a afirmação do direito dos indivíduos à subjetividade e os sistemas tradicionais de regulação da crença religiosa. (Hervieu-Léger, 1999:53)

Para enfrentar a concorrência da oferta de bens simbólicos variados, a Igreja vê-se impelida a utilizar métodos mais eficazes e buscar apoio em sistemas temporais autônomos, como a ciência, o direito e a mídia. Isso obriga a um trabalho de reelaboração permanente da memória religiosa, em função das questões do presente, e a dotá-la de sentido para os contemporâneos, sem abrir mão de preceitos fundamentais.

¹² Em francês, no original.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente. *Padre Eustáquio*. Belo Horizonte: BC Edições / Congregação dos Sagrados Corações, 1990.

ANDRADE, José Vicente. *Venerável Padre Eustáquio*. Belo Horizonte: Congregação dos Sagrados Corações, 2004.

BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, abr., 2001.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Unesp, 1997.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti*. Paris: Flammarion, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.

LAGRÉE, Michel. *Religião e tecnologia*. Bauru: Edusca, 2002.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. A pesquisa em mídia e religião no Brasil: articulações teóricas na formação de uma área de estudos. *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul, PPGCOM/USCS. v. 15, n. 29 (81-93) jul-dez 2014. Disponível em http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2791. Acesso em 01/04/2015.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2014.